

# Análise do perfil de autonomia de um grupo de crianças com Perturbação do Espectro do Autismo

Tiago Pinto Ribeiro<sup>1</sup>; Cláudia Melo<sup>2,3</sup>; Inês Silva<sup>4</sup>; Camila Gesta<sup>4</sup>; Vânia Martins<sup>4</sup>; Teresa Temudo<sup>5,6</sup>

<sup>1</sup>Centro Hospitalar do Porto; <sup>2</sup>Serviço de Pediatria do Centro Hospitalar do Médio Ave; <sup>3</sup>Faculdade de Medicina da Universidade do Porto; <sup>4</sup>Unidade de Primeira Infância do Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental da Infância e Adolescência do Centro Hospitalar do Porto; <sup>5</sup>Serviço de Neuropediatria do Centro Materno Infantil do Norte; <sup>6</sup>Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar

## Introdução

A Perturbação do Espectro do Autismo (PEA) é uma perturbação global do desenvolvimento caracterizada por défices acentuados nas áreas da comunicação e interação social bem como pela presença de comportamentos, interesses e atividades restritas, estereotipadas e repetitivas (APA, 2013).

As alterações da comunicação podem ir desde a ausência de linguagem até às alterações da sintaxe, semântica, pragmática ou apenas alterações da prosódia. A ecolália e linguagem idiossincrática são achados frequentes na PEA.

No domínio social, surgem geralmente défices no estabelecimento do contacto ocular, jogo simbólico pobre, interesses restritos, dificuldade em estabelecer relações interpessoais, e evitamento do contacto físico. Poderão surgir, também, estereotipias fisiológicas ou vocais, comportamentos autoagressivos ou autoestimulatórios, défices no processamento sensorial frequentemente associados a comportamentos disruptivos (Case- Smith & Arbesman, 2008; Dunn, Myles , & Orr, 2002; Myles et al, 2004).

A variabilidade de apresentação da PEA implica diversidade em termos de nível de severidade, que se traduz na vida dos sujeitos pela sua capacidade de autonomia e regulação (Klin, 2003; Liss, Harel, Fein, Allen, Dunn, Feinstein, Morris, Waterhouse & Rapin, 2001).

## Objetivo

Caraterizar o nível de autonomia de um grupo de crianças com PEA, a partir da análise do domínio da autonomia da Escala de Comportamento Adaptativo de *Vineland* (CUP, 2011).

## Métodos

### Participantes

O grupo de participantes foi constituído por 26 crianças com diagnóstico de PEA, 15 do sexo masculino e 11 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 4 e os 16 anos e 10 meses de idade (M=7,9;  $\sigma$ =3,7).

### Instrumentos

A recolha de dados foi feita por entrevista aos cuidadores com recurso à **Escala de Comportamento Adaptativo de Vineland** a qual avalia 5 domínios: comunicação; autonomia, socialização, motricidade, e comportamento maladaptativo.

O estudo incidiu na análise do **domínio de autonomia**, constituído por **três subdomínios** (CUP, 2011):

- (A1) Pessoal – avalia a forma como o sujeito come, se veste ou pratica a sua higiene pessoal;
- (A2) Doméstico – como o sujeito realiza tarefas de casa;
- (A3) Comunidade – como o sujeito se demonstra responsável e sensível face aos outros.

### Procedimentos

Os participantes foram selecionados a partir de uma amostra do projeto PTDC/NEU-SCC/0767/2012\*.

Foi efetuada análise descritiva dos dados com recurso ao programa SPSS v20.0.

## Resultados

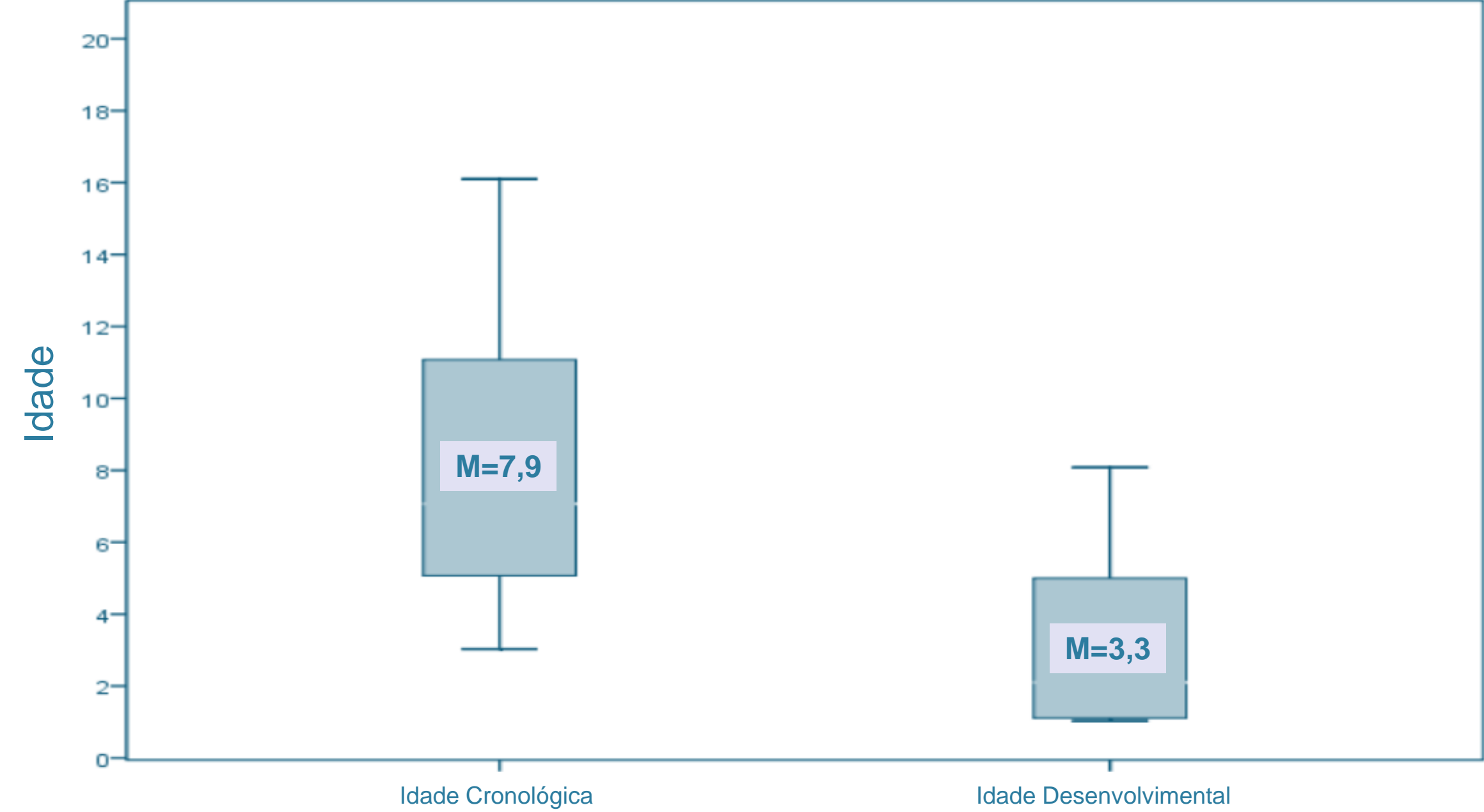


Gráfico 1. Média de idades desenvolvimental e cronológica.

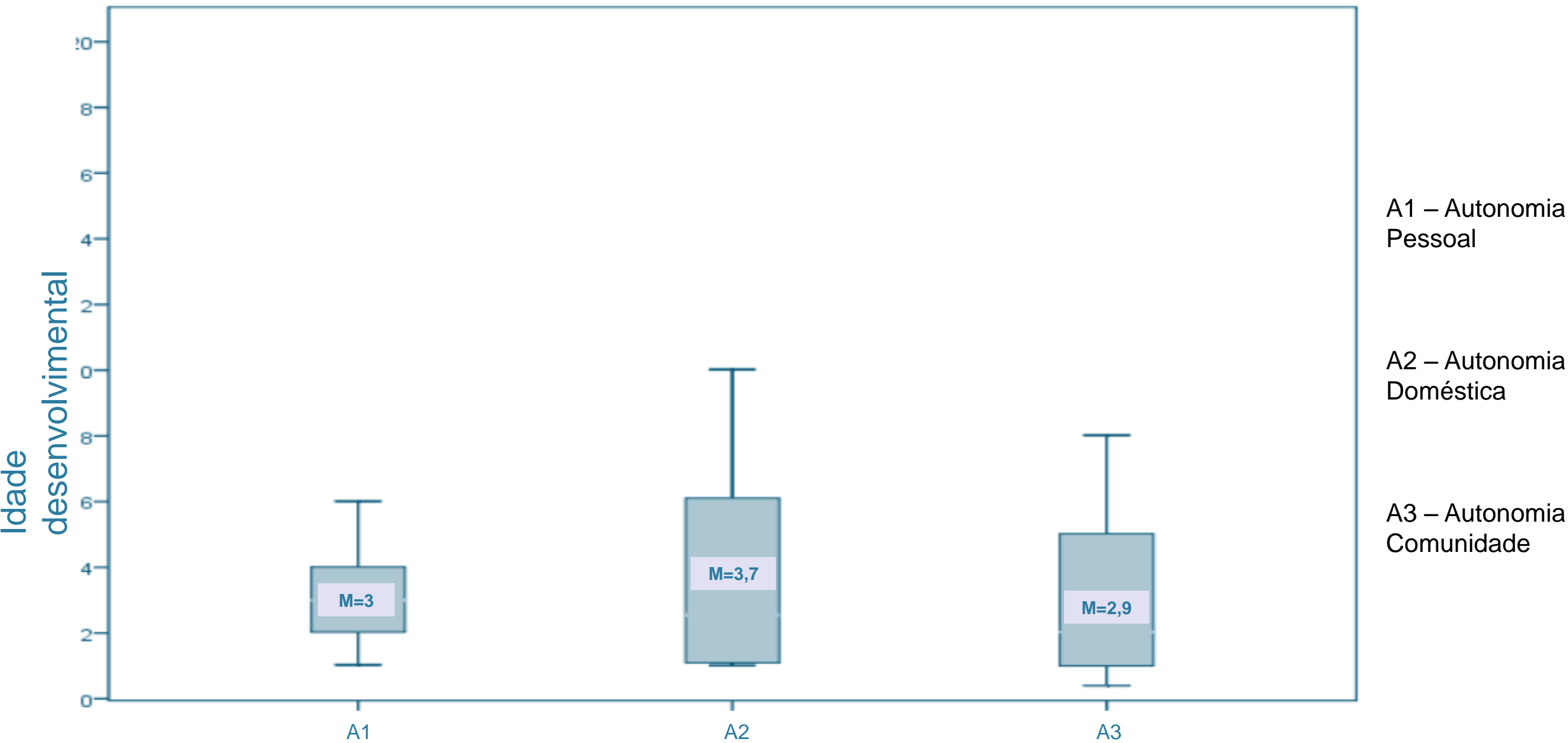


Gráfico 2. Média de idade desenvolvimental, por subdomínio de autonomia.

## Discussão e Conclusão

Verificaram-se valores baixos do domínio da autonomia e dos seus 3 subdomínios. Salienta-se a elevada diferença entre a média de idade cronológica (M=7,9;  $\sigma$ =3,7) e a média de idade desenvolvimental (M=3,3;  $\sigma$ =2,2). Estes dados corroboram a teoria de que os défices inerentes à PEA afetam significativamente a autonomia destes indivíduos (Klin, 2003; Liss *et al.*, 2001).

O **subdomínio Doméstico (A2)** apresenta o valor mais elevado (M=3,7;  $\sigma$ =2,7), ultrapassando até a idade média desenvolvimental. Este achado pode ser explicado pela aprendizagem de rotinas funcionais no ambiente doméstico. O fato de serem frequentemente executados no quotidiano poderá facilitar a sua integração e aprendizagem, ainda que o funcionamento global do sujeito se manifeste abaixo do esperado para a sua idade cronológica.

No **subdomínio Comunidade (A3)** verificou-se a média de valores mais baixa (M=2,9;  $\sigma$ =2,4). Estes valores podem ser explicados pelos défices de socialização caraterísticos da PEA (CUP, 2011).

Este estudo vem lembrar a importância da avaliação objetiva do nível de autonomia dos sujeitos com perturbação do espectro do autismo, de forma a possibilitar a intervenção para a optimização desta área.

## Limitações

O número reduzido de participantes não permite efetuar a generalização dos resultados, salientando-se a necessidade de replicar este estudo numa amostra de maiores dimensões e considerando outras variáveis que possam influenciar a autonomia dos indivíduos com PEA.

**Bibliografia**  
American Psychiatric Association - APA (2013). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.  
Case-Smith, J., & Arbesman, M. (2008). Evidence based review on interventions for autism used in occupational therapy. *The American Journal of Occupational Therapy*, 62(4), 416-429. doi: 10.5014/ajot.62.4.416  
Dunn, W., Myles, B. S., & Orr, S. (2002). Sensory processing issues associated with Asperger Syndrome: A preliminary investigation. *The American Journal of Occupational Therapy*, 56(1), 97-102.  
Klin, A. (2003). Attributing social meaning to ambiguous visual stimuli in higher-functioning autism and Asperger syndrome: the social attribution task. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 41, 831-846. DOI: 10.1111/1469-7610.00671  
Liss, M., Harel, B., Fein, E., Allen, D., Dunn, M., Feinstein, C., Morris, R., Waterhouse, L. & Rapin, I. (2001). Predictors and correlates of adaptive functioning in children with developmental disorders. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 31 (2), 219-230.  
Myles, B. S., Hagiwara, T., Dunn, W., Rinner, L., Reese, M., Huggins, A., & Becker, S. (2004). Sensory issues in children with Asperger Syndrome and autism. *Education and Training in Developmental Disabilities*, 3(4), 283-290.  
Community-University Partnership for the Study of Children, Youth, and Families (2011). *Review of the Vineland Adaptive Behavior Scales-Second Edition (Vineland-II)*. Edmonton, Alberta, Canada.